

O ALARME!

JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

O ALARME
22, Village du Rif
38640 - Claix

Dos Trabalhadores para os Trabalhadores

Para pagamento:

C.C.P. PAYAN Charles
n°257 08B Grenoble
importante:
no remetente junto do
teu nome põe (O.A.)

MAIO

74

1FR

n°20

O Silva, o Zé, a Sra. Albertina e os seus problemas

Zé: Então, ó Silva, que tal achaste esta reunião para discutir dos problemas do nosso bairro?

Silva: Pois eu cá achei-a muito interessante. Mas só é pena que não tenhas trazido também a tua mulher contigo.

Sr^a. Albertina: Lá isso é verdade. Eu vim à reunião e também gostei muito. Eu acho que todos estes problemas também dizem respeito às mulheres.

Zé: Mas eu cá não gosto que a minha mulher se meta em políticas.

Sr^a. Albertina: Mas o que é que queres tu dizer com isso de política? A política é tudo! É a nossa vida de dia a dia.

Silva: Pois claro. A política é as conversas que temos com os camaradas no trabalho, é a união entre a malta, as conversas com os amigos no café sobre a nossa vida e como vivemos em casa com a nossa família.

Zé: O que é que tu queres dizer quando falas como vivemos com a nossa família?

continua página 6

ÚLTIMA DA HORA

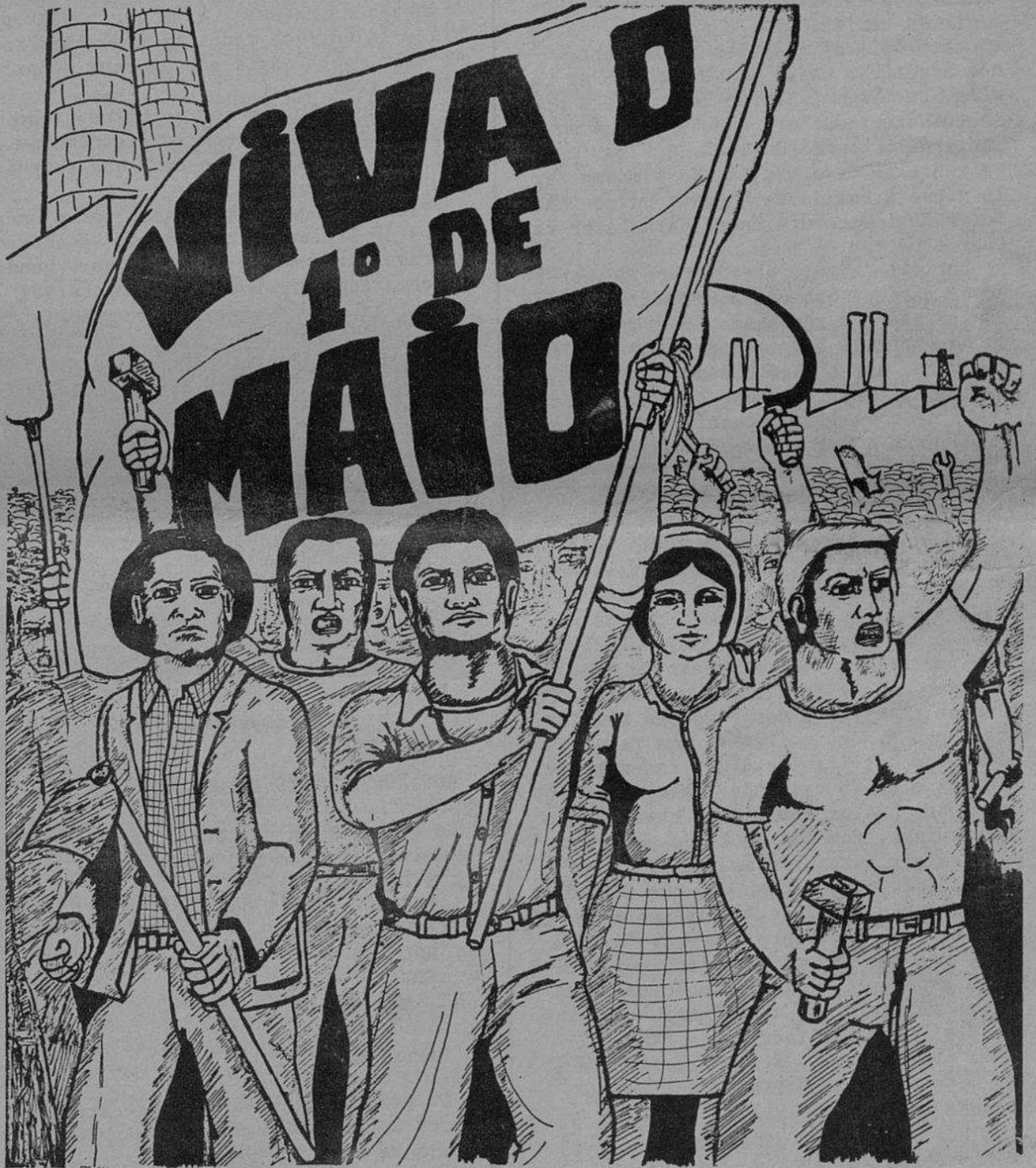
OS MILITARES LIMPARAM O SARAMPO AO CAETANO MAS O QUE O POVO QUER É O SOCIALISMO!

Segundo notícias da última hora o colonialista Spínola apoiado por um grupo de oficiais tiraram o Caetano e o Tomás do "poleiro". Tomaram logo decisões e fizeram promessas com as quais eles pensam contentar o povo:

- Prometeram acabar com a guerra colonial,
- Libertaram alguns presos políticos,
- Derrubaram a Pide em Portugal; no entanto, os pides das colónias vão ser integrados no exército (como se não pertencessem à mesma cambada!!)
- Dizem que vão fazer eleições livres
- Também acabaram com a censura.

Em Lisboa como em outras cidades o povo tem vindo para a rua manifestar a sua alegria pelas liberdades já concedidas e indo muito mais longe, gritando: "Viva o Socialismo" e "Unido o Povo é invencível". O povo tem ajudado os seus filhos, os soldados, dando-lhes de comer e conversando com eles. Quanto aos pides que estão presos, quer o povo que

continua página 8



Foi no Congresso Internacional de Paris em 1890, com a presença de Frederico Engel que foi companheiro de Marx e grande guia dos trabalhadores de todo o mundo, que o 1º de Maio foi escolhido para o Dia Internacional dos trabalhadores.

Foi escolhido este dia em memória do 1º de Maio de 1886, dia em que os operários da fábrica Mc Cormick de Chicago, Estados Unidos, fizeram uma grandiosa greve para exigir 8 horas de trabalho, 8 horas de repouso e 8 horas de educação. Para culminar a greve no dia 3 de Maio rebentou uma grandiosa manifestação. A polícia atirou sobre os manifestantes, tendo deixado por terra um monte de cadáveres e feito centenas de prisões.

Também em Fourmies, na França, em 1892, houve grandes lutas operárias neste dia. Também nesta altura a polícia metralhou a população matando e ferindo centenas de operários.

Desde então, o 1º de Maio ficou sempre assinalado por toda a parte como um dia de greves e reivindicações populares e também como o dia em que se recordam os trabalhadores que morreram na luta contra a exploração da burguesia.

Também em Portugal, este dia tem sido bem assinalado.

continua página 8

O POVO ESCREVE

HOTEL HILTON

HOLANDA

O hotel Hilton em Amsterdam é um dos muitos hotéis Hilton que existem por todo o mundo. Aqui trabalham algumas dezenas de trabalhadores estrangeiros, sendo a sua maioria Portugueses e Marroquinos. Como sempre na imigração, também aqui, os piores trabalhos são para nós. Esta situação vem a piorar com a dita crise da burguesia mundial, porque quando se trata de crise quem paga é o trabalhador, mas nós cada vez menos nos deixamos ir em conversas.

Quando em Janeiro nos tentaram aumentar o preço da comida e vimos que a miséria dos 15 florins que nos deram como aumento de salário nem para pagar o aumento da comida dava, o nosso descontentamento foi tal que eles foram obrigados a retirar nesse mês o aumento da comida. Um mês mais tarde vendo que a nossa combatividade era menor, lá nos aumentaram a comida de 100%. Embora muita gente tivesse protestado e mesmo feito greve à comida do hotel a união não foi suficientemente forte para fazer recuar o patrão.

Por esta altura entram para o hotel novos chefes, que vêm ainda aumentar a exploração e a repressão. O filho da puta do chefe da limpeza da cozinha, alegando que nós tínhamos dado prejuízo ao hotel (Há! Há!... Isso é que era bom, os trabalhadores darem prejuízo ao patrão) resolveram aumentar as cadências, despedindo por tudo e por nada os camaradas que eles achavam que não lhes davam lucro suficiente.

Quando um camarada é apanhado pelo fascista do chefe cozinheiro a fazer uma sandes, pois neste hotel nós não temos direito a pequeno almoço quando começamos o nosso trabalho às 7 da manhã, este participou imediatamente ao seu parceiro chefe da limpeza da cozinha e o nosso camarada é despedido no fim do dia. Logo a seguir fizemos uma reunião dentro do hotel e decidimos fazer greve até que o nosso camarada fosse readmitido. Todos juntos com alguns camaradas marroquinos, fomos à chefe do pessoal para exigir a readmissão. Ali foi-nos respondido, como é costume, que a chefe estava muito ocupada. Resolvemos esperar sentados em frente dos seus "apostolos", mas não esperámos muito, pois como já esperávamos ela apareceu passados 3 minutos, para nos mandar trabalhar, mas desta vez não teve sorte. Face à nossa determinação, foi obrigada a receber 3 de nós para discutir o assunto,

ficando os outros à porta preparados para o que viesse. Na discussão onde os chefes foram tratados de "racistas" e onde a gente disse que ali éramos tratados como escravos, aqui a chefe ficou muito ofendida e dirigindo-se a um camarada perguntou: "Você sente-se aqui tratado como um escravo?" Este respondeu-lhe imediatamente: "Eu não. Eu aqui sinto-me tratado como um cão!"

Ao fim da discussão o nosso camarada foi readmitido.

Quando voltávamos ao trabalho, um camarada que tinha sido solidário na luta foi despedido. Mas como já estávamos com a mão na massa exigimos imediatamente que ele não fosse despedido. Assim aconteceu pois a chefe sabia que nós não estávamos para brincadeiras.

Esta vitória veio mostrar mais uma vez, tanto aqueles que participaram na luta como aos que desta vez ainda não participaram activamente, que quando estamos organizados e unidos, fazemos recuar os patrões.

A luta não acabou aqui. Os vigaristas dos patrões perdem por um lado mas tentam chupar logo pelo outro. Estejamos vigilantes e reforcemos a nossa união.

Amsterdão, 22/3/74

Como leitor que sou de o nosso jornal e encontrando o vosso trabalho bastante bom, resolvi escrever o seguinte artigo a respeito de uma vitória nós trabalhadores alcançamos, afim que podeis publicá-la para que todos os trabalhadores se deem conta quais são os seus próprios direitos.

Refractário que sou trabalho na Holanda depois de 3 anos numa companhia americana de tabaco e o caso que se passou é o seguinte:

Três dos nossos camaradas foram ameaçados de licenciamento por se recusarem a trabalhar com uma máquina que segundo os camaradas dizem é quase impossível trabalhar a três. Então nós vendo a injustiça dos patrões e como a percentagem do pessoal ligado à produção da fábrica em sua maioria é estrangeiro, resolvemos fazer uma greve selvagem para resolver a situação dos três camaradas.

Então o gerente da empresa cagado e vendo a produção parada resolveu retirar o licenciamento dos camaradas e dar mais um homem para a máquina.

Com isto obtivemos mais uma vitória de trabalhadores para trabalhadores.

ABAIXO A BURGUESIA E O CAPITALISMO!
VIVA A JUSTA LUTA DOS TRABALHADORES!
VIVA O PROLETARIADO INTERNACIONAL!

um camarada de luta

AOS PORTUGUESES DA HOLANDA:

Se quiserem entrar em contacto com "O Alarme" escrevam-nos para:

TOLSTRAAT 75
POSTBUS NR. 51.093
AMSTERDAM
HOLLAND



Caxarias:

No princípio de Abril apareceram escritas a tinta vermelha nas paredes da igreja as frases "Abaixo a guerra colonial", e "Viva o Comunismo". O povo de Caxarias, discutindo estas frases revolucionárias, condena a guerra colonial, mostrando que esta frase é justa (um filho do povo de Caxarias já morreu nesta guerra assassina).

Sobretudo agora, com a carestia da vida, o povo se apercebeu da exploração de que é vítima, e está à espera de uma outra guerra, a revolução popular, que o liberte da escravidão, da miséria e lhe dê pão, paz, terra e democracia popular.

Camaradas, não podemos ficar de braços cruzados, unido e organizado o povo é invencível.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR.

Stains, Abril de 1974

Caros Amigos,

A fábrica de Farrapos, Societé Parisienne de Recuperation, 169 Boulevard Gallieni em Villeneuve la Garenne, emprega várias portuguesas a quem explora o mais possível, quer seja no horário de trabalho como ainda no pagamento.

Além disto a uma operária portuguesa que faltou UM DIA porque teve de ir ao médico, despediu-a sem pré-avis, sem indemnização, sem pagar os congés payés.

Esta operária apresentou logo no próprio dia em que foi trabalhar um certificado médico, mas o patrão, pressionado pelo encarregado manteve a sua decisão de despedimento.

Como esta operária apresentasse queixa contra o patrão e tendo a lei pelo lado dela, ele acabou por a readmitir mas numa fábrica a 10 km. de distância.

Estes bandidos continuam à solta e as autoridades francesas nada fazem para impedir que o trabalhador emigrado seja tão vilmente explorado.

LIBERDADE EM PORTUGAL

Ainda está para decifrar
O canto do passarinho
Se ele canta ou se ele chora
Com saudades do seu ninho.

A prisão não se deseja
Até nem é para pensar
Se o canto do passarinho
Ainda está p'ra decifrar.

Ouçoo cantar numa árvore
No quintal do meu vizinho
Não quer estar engaiolado
O pobre do passarinho.

Quando largar este ninho
Que vá para um lindo quintal
Cantará de noite e dia
Liberdade em Portugal.

LE-DIVULGA-DISCUTE-ASSINA
"O Alarme"
QUERO RECEBER O "ALARME" EM CASA:
NOME _____
MORADA _____
Preço de uma assinatura: 10f, preço de cada: 1f

PARA RECEBER "O ALARME" EM CASA
CORTA ESTE BOLETIM E ENVIA-O PELO
CORREIO PARA:
"O ALARME"
22, VILLAGE DU RIF
38640 - CLaix

ST. MARTIN D'HERES

ACAUTELEM-SE COM OS FALSOS COMUNISTAS
SÃO LOBOS DISFARÇADOS EM CORDEIROS!

Como todos sabem o Maire fechou-nos a sala pelas costas na tarde do dia 22 de Março. Nesse mesmo dia, à noite um grupo de trabalhadores foi à casa dele pedir-lhe explicações porque os trabalhadores gostam das situações bem esclarecidas. Só encontraram a sua mulher em casa, e foi-lhe dito que a atitude de traição do seu marido não tinha sido apreciada pelos trabalhadores. Em resposta, alguns dias depois apareceram 2 comunicados da Mairie no "Dauphiné Libéré" (jornal fascista dos patrões da região). Num falava dum bando de gauchistas que tinham ido a casa do Maire, e no outro dizia que "um comando de tipo fascista" tinha agredido "o Maire e a sua família" (só estava a mulher em casa..)

Mais tarde apareceu um português que se pretendeu fazer passar por amigo dos portugueses de St. Martin d'Hères, mas que na realidade pertence ao Partido "Comunista" Francês. Ele dizia que vinha tentar ajudar-nos a resolver os problemas com o Maire, mas o que ele queria e que ficou confirmado numa reunião onde ele veio e onde participava o delegado do Maire e um grupo de trabalhadores portugueses, era ajudar a Mairie a controlar o trabalho e as actividades do nosso clube! Ora isso é muito diferente de vir ajudar-nos!

Camaradas, atenção com esses senhores que se dizem "comunistas" e que com o paleio que têm, até parece que querem defender os interesses dos trabalhadores, mas na realidade verifica-se que defendem os interesses dos patrões e dos burgueses, impedindo a verdadeira união dos trabalhadores e travando as suas lutas.

A medida que a nossa luta avança, temos de estar atentos e saber distinguir quem são os verdadeiros comunistas e quem são os falsos comunistas, também chamados revisionistas, quer dizer, dizem-se comunistas nas palavras, mas são como burgueses e os fascistas nos actos. Os verdadeiros comunistas estão dispostos a dar tudo, até a vida se for preciso, na defesa dos interesses do povo.

ST. OUEN

Desde Maio de 1973 que um punhado de trabalhadores de St. Ouen se dedicaram com afinco à remodelação duma velha barraca, tendo em vista a formação dum clube de operários. Com o decorrer do tempo nos fomos organizando e unindo à volta dos nossos próprios interesses. Graças a isto temos podido resolver alguns problemas. Aos poucos e poucos temos criado actividades culturais tais como: - Um teatro operário em formação e um grupo folclórico.

O grupo folclórico em colaboração com outros camaradas tem-se estreado em algumas festas populares.

Temos também já organizado uma equipa de futebol mas... Fomos à mairie cá do canto, queriam que déssemos, fosse por treino ou jogo 200fr, uma exploração como outras tantas!

Alguns sócios da A.O.P.
de St. Ouen

GENTILLY

Camaradas do Alarme,

No dia 14 de Abril houve festa em Gentilly. Muita gente, muitos clubes, solidariedade e alegria, mas sobretudo um acontecimento que para nós, o Grupo de Teatro Operário de Gentilly, tem grande importância: o nosso grupo de teatro apareceu como uma realidade.

Contra todas as previsões de certos elementos da Associação e contra todas as ideias que nos querem fazer crer que o teatro só pode ser feito por doutores, nós apresentamos a todos os trabalhadores presentes na sala a nossa peça "Já o meu pai me dizia...". Realizada por todos nós, tanto o texto como a encenação, a nossa peça é o fruto da participação de cada um na discussão colectiva. Assim o nosso método de trabalho permitiu que cada um exprimisse as suas ideias, as suas experiências e os seus problemas.



Hoje todos nós queremos que a nossa peça seja uma pequena participação na luta contra a injustiça e a exploração à qual os burgueses e os seus lacaios nos querem submeter.

Na festa do 14 de Abril expusemos à crítica das massas o conteúdo da peça; apelando à união dos trabalhadores, condenando os "amarelos" que não alinham na luta contra os patrões, criticando a escola burguesa e lutando por um mundo novo de justiça e paz. De um modo geral os camaradas presentes, gostaram e afirmaram o seu apoio.

Durante a festa houve grande ambiente de camaradagem. Participaram vários clubes de Paris (Belleville, Issy-les-Moulineaux, Saint Ouen e Montparnasse). Estavam connosco também camaradas da Dinamarca e da Suécia que participaram na animação geral. Além do Teatro Operário de Gentilly apresentaram-se os Pioneiros, os Camaradas e os ranchos folclóricos de Montparnasse e de St. Ouen. Durante a manhã realizaram-se dois desafios de futebol entre as Associações Operárias seguido de um almoço de confraternização.

Saudações do Grupo de Teatro Operário de Gentilly.

FRESNES

Realizou-se na Segunda-Feira 15 de Abril uma festa popular na M.J.C. de Fresnes. Esta festa foi realizada por uma comissão para a formação de um clube operário em Longjumeau, que achou esta a forma mais directa de lançar a ideia do clube e fazer participar o maior número de portugueses desta região. O programa foi preenchido com o rancho folclórico do clube operário de St. Ouen, o teatro infantil "Os Pioneiros" e ainda o teatro operário com a peça "O Soldado". Estavam presentes cerca de 450 pessoas. A sala estava completa e ainda ficaram muitas pessoas de pé. O ambiente foi de grande alegria e camaradagem. A assistência acompanhou com entusiasmo as canções de "Os Camaradas" cantando e batendo palmas. Houve também a certa altura um grupo de 20 homens e mulheres que subiram ao palco e cantaram em coro várias canções alentejanas. Toda a gente aplaudiu com grande emoção esta boa iniciativa.

No final da peça "O Soldado" houve muitos trabalhadores que entoaram em coro com o teatro operário o hino "A Internacional" com o punho levantado.

Foi organizado um bar e também uma venda de discos de "Os Camaradas", jornais: O Alarme, o calendário proletário; os cadernos do teatro operário e "O Manifesto dos Soldados". Aqui as pessoas juntaram-se em grupos e discutiram sobre a festa, as lutas em Portugal e outros problemas da nossa classe. Apareceram também algumas pessoas a discutir sobre os preços dos comeres e bebidas, dizendo que se devia vender mais caro para arranjar dinheiro.

Nós compreendemos a intenção, mas temos uma explicação a dar aos camaradas em questão. Nós achamos que não temos nada a ver com certa gente do tipo dos "jogos florais" que dizendo defender e lutar pelos interesses dos trabalhadores aproveitam todas as ocasiões para os explorar.

O nosso objectivo não é vender mais caro para arranjar dinheiro mas sim fazer participar de uma forma ou de outra, todos os trabalhadores no apoio da luta em Portugal.

E, por pensarmos assim, resolvemos pôr em prática a ideia lançada pelo "O Alarme" de formar uma Caixa de Apoio Permanente à Luta em Portugal.

No cartaz fixado na festa podia ler-se nomeadamente:

CAMARADA ORGANIZA-TE

Para apoiar e divulgar as lutas dos trabalhadores em Portugal.

PARTICIPA COM FUNDOS

Foi enviada para esta Caixa de Apoio a quantia de 702 F.

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DO CLUBE!

*Faz-te correspondente
do Alarme na terra
onde trabalhas.
Envia-nos Notícias*

LUXEMBURGO

Camaradas,

O mês passado e também este, um com panheiro deu-me o Alarme que li com atenção e espero não deixar mais de ler e sentir.

Emigrante e trabalhador como vós, também eu sou um explorado e uma vítima de todos os filhos da puta que nos enganam e sugam o sangue, como sejam os patrões, os padres, os comerciantes, os médicos, os banqueiros e essa cáfila de fascistas que há quase meio século diz que nos governa sem que nenhum de nós lhe tenha encomendado o sermão.

Sou operário numa fábrica onde trabalho como escravo, onde me espinham diariamente, tanto a mim como a outros camaradas portugueses. É que além de estarmos fora do nosso país onde não podemos viver porque se morre lá de fome, se levantamos cabelo para fazermos valer os nossos direitos como seres humanos que somos, logo a polícia, que só serve os interesses dos gatunos do povo, nos ameaçam com a fronteira e nos chegam mesmo a expulsar.

Até aqui eu vivia praticamente, relativamente a pensar só em mim mesmo e nos meus problemas particulares, pois os sacanas entre os quais fui criado e mentalizado nunca nos deixaram pensar juntos e actuar colectivamente.

Com mulher e cinco filhos sempre rodeados de negra miséria, vivendo a monte numa pequeníssima casa, cuja é um autêntico furda, nunca nem eu nem eles saboreámos nada de bom na vida. Eu julgo que talvez fosse por isso que nunca quiz encarar a realidade, fugindo-lhe sempre, não sei se por medo, se por cobardia.

Felizmente hoje, graças ao tal amigo que me deu o "Alarme" e outras leituras destinadas só ao povo, estou já a esforçar-me por me modificar a mim e à minha vida, pois quero ser útil a todos os meus camaradas.

ABAIXO OS PARASITAS!
VIVAM OS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO!
VIVA A LIBERDADE!



Ettelbruck, 23/3/74

ExMo. Sr. Organizador do Alarme,

Peço-lhe o favor que me informe como posso obter o jornal todos os meses. Eu, como português, encontro-me a trabalhar no Luxemburgo e consegui um jornal "O Alarme", dum amigo meu estudante de ideias imitantes às minhas onde gostei imenso e lhe comprei dois discos, têm por título A Casa Do Operário, Passa O Tempo, Vamos Camaradas e a Deserção; o segundo Ó Senhora Guida Veja a Sua Vida, O Meu Amigo Está Preso, Viva a Liberdade e Quem Não Teme o Mar Não Teme Os Patrões. Agora também pedia o favor se houvesse alguns anteriores e a seguir destes que me informasse e me mandasse a conta para vos enviar o dinheiro. Enviando os meus sinceros cumprimentos,

subscrevo-me,

C.

CLUBES. SALAS (continuação) clube do centro de paris

No passado dia 17 de Março, realizou-se uma tarde de convívio na sala anexa ao clube entre os sócios e amigos. Constatou da exibição do rancho folclórico do C.O.P. de Montparnasse e do conjunto de "Violas do Minho".

Dois sócios (Zé da Praia e Carlos Nazaré) cantaram à desgarrada quadros de António Aleixo, autor da peça (Auto do Curandeiro) apresentada a seguir pelo grupo de teatro do clube, que assim se estreou.

No fim da peça decidiu-se continuar o convívio nas instalações do clube onde ao som das violas e, depois, dos discos se dansou viras, chulas e malhões. A animação foi grande. Entre tanto dois sócios improvisaram um quadro teatral sobre o caso Spínola e Marcelo que nessa altura andava na baila e que dava origem a confusões. Este quadro suscitou conversas e discussões sobre os nossos problemas: situação em Portugal, carestia de vida em Portugal e na França, e forma de os resolver.

Nós consideramos francamente positiva a realização destas tardes de convívio onde podemos alargar a discussão.

O conjunto de sócios ficou entusiasmado com a forma e o conteúdo desta tarde.

Saudações
C.T.P.C.P.

CINEMA OPERÁRIO

Um grupo de portugueses vendo por um lado a falta que havia de filmes realizados por operários - os filmes que normalmente se passam foram feitos pela burguesia - por outro lado que não havia ninguém que filmasse a vida e as lutas do povo porque isso não interessa à burguesia, resolveu organizar um grupo de cinema. Sem organização não podemos fazer nada. Assim depois de falarmos entre nós decidimos formar o "Cinema Operário".

O que é o "Cinema Operário"?

É um grupo de operários portugueses que procura realizar filmes sobre a vida e as lutas do povo trabalhador. O cinema Operário está ao lado do povo na sua luta contra o capitalismo, o imperialismo, o colonialismo e o revisionismo - a nova cara do capitalismo.

Já temos dois filmes acabados: "Manifestação anti-colonialista de Lausanne" e "Não às expulsões" filme sobre a manifestação na Croix du Patre, St. Martin d'Hères.

Actualmente estamos a trabalhar:

- num filme sobre a emigração - "Emigrar não é solução" que será passado a partir de Julho.

Pedimos a todos os camaradas que queiram colaborar connosco, que nos enviem as suas ideias.

Todas as associações, clubes, salas ou grupos de portugueses que queiram ver estes filmes ou diapositivos, devem escrever-nos indicando o que é que querem e a data em que vão passá-los, devendo pedi-los com uma certa antecedência (um mês).

Cinema Operário
Centre Social Berriat
Rue Henri le Chatelier
Grenoble

OS PALAVRÕES VOLTAM À BAILA!

O Alarme tem recebido muitas críticas sobre os palavrões. Um das bastante incorrectas e outras justas por que fazem uma análise profunda do problema e apresentam as soluções que devem ser utilizadas no jornal.

Vai, portanto, à frente uma carta dum camarada que é um exemplo dessas críticas justas e com as quais O Alarme está totalmente de acordo e faz dela palavras suas.

Esta é uma opinião pessoal sobre as já tão famosas palavras obscenas:

Há trabalhadores de certas zonas do País a quem isso pode chocar mas não impedir de aderir às ideias e questões do Jornal. Há também trabalhadores que transistam frequentemente entre as últimas camadas do operariado e o lumpenproletariado (classe mais miserável), a quem essas palavras nada vêm ensinar, e les já as conhecem e mesmo assim as pronunciam.

Outros há que transistam frequentemente entre as primeiras camadas do operariado e as classes médias, ou seja, operários com hábitos e linguagem da pequena burguesia, tentando a todo o custo passarem por mais civilizados que os outros e confundindo educação com consciência de classe. Quer dizer, eles tentam mostrar uma fachada daquilo que não são, muito bem vestidos por fora, com maneiras de doutores e no momento da luta não conseguem estar ao lado dos trabalhadores e não sentem profundamente a linguagem da revolta.

A violência revolucionária responde com armas e com uma linguagem revolucionária à violência burguesa e à sua linguagem traidora e cobarde.

CONCLUSÃO:

O jornal deve evitar de subscrever palavras obscenas em nome do Jornal por que é um educador das largas massas, mas se um artigo feito e assinado por um trabalhador tiver essas expressões, correspondendo a uma fase de luta aguda, como um diálogo (por exemplo) entre o explorador e o explorado, então aí, compreende-se, que essas expressões sejam ditas porque são, não só a expressão da realidade como a forma de expressar a revolta em linguagem.

Escolhemos pois a linguagem que corresponde ao desenvolvimento da luta popular e ao avanço do proletariado.



Vai aqui uma canção que era cantada pelas operárias da Fábrica da Grundig durante a greve vitoriosa de Fevereiro 1973. Quando passavam nas ruas de Braga no caminho para o Instituto Nacional do Trabalho, toda a gente vinha à janela ouvi-las cantar.

Pedimos desculpa das asneiras mas como vocês sabem nessa região fala-se assim e não é pela maneira de falar que a gente vê quem está ou não do lado do povo.

Trabalhar é uma porra dos diabos
Faz a gente ficar tuberculoso
O patrão esse engorda e enche o cu
A patroa essa só anda no gozo
Ora o caralho, ora o caralho
Eu caguei e mijei para o trabalho.

O QUE SÃO OS JOGOS FLORAIS

ANDA AÍ UM BANDO A SALTO A QUERER EXPLO-
RAR O POVO, MAS PODE SER QUE AINDA SE
LIXEM!

Não queremos perder tempo com estas
coisas, mas se damos um lugar a este as-
sunto, é porque uma das funções do nos-
so jornal é a de avisar a gente contra
aqueles que nos exploram, seja às clá-
ras, seja mascarados como este bando de
Saltistas e C² (bando de oportunistas à
volta dum jornal chamado "O Salto").

Estes senhores, a pretexto de cultura
popular, organizam uma feira anual,
bastante frutuosa ao que parece, "Os jo-
gos florais", ou jogos da fruta e que
segundo dizem as más línguas renderam o
ano passado à volta de 60.000 francos
novos. Pudera! Entradas a 10.00fr., cer-
veja a 2F50, concursos para explorar o
povo, sorteio de móbiles que depois a
cabam por sair à direcção, não por aca-
so, etc.

Em todo o caso para melhor informar
os nossos leitores, entrevistámos o Te-
atro Operário que é um grupo de Traba-
lhadores de Paris que faz teatro sobre
assuntos que nos dizem respeito, como a
peça que representam agora, chamado "O
Soldado".

No ano passado tinham sido convida-
dos a participar nos jogos florais e re-
cusaram-se a isso.

O.A.- Porque é que não participaram o a
no passado nos jogos florais?

T.O.- Nos cadernos do Teatro Operário n.
2 transcrevemos o panfleto que tí-
nhamos distribuído a propósito dessa
questão. No fundamental, dizíamos que
não colaboraríamos nunca com um jornal
que não defendesse os interesses dos
trabalhadores portugueses.

O.A.- Mas "O Salto" afirma defender os
interesses dos trabalhadores por-
tugueses...

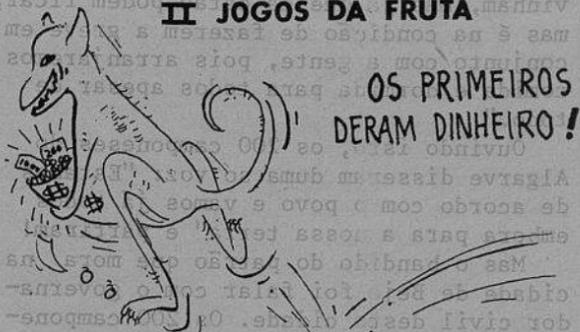
T.O.- Isso há muita gente que diz, e nós
sabemos muito bem que não é ver-
dade. Para nós o que nos interessa é
ver a prática de cada um. O que nós di-
zíamos no nosso panfleto é que "O Salto"
não defendia os interesses dos trabalha-
dores portugueses, porque não publicava
as lutas que se passam em Portugal. E dá-
vamos uma quantidade de exemplos de lu-
tas que se tinham passado, e de que es-
se jornal não disse água vai, tal e
qual como qualquer jornal do governo ou
feito em Portugal.

O.A.- Mas pode acontecer que "O Salto"
não saiba da existência dessas lu-
tas, e seja por isso que não as publica.

T.O.- Então, não compreendemos o inte-
resse que tem esse jornal em es-
tar ligado a uma célebre agência de no-
tícias, chamada Novaport, se esta agên-
cia o que tem a dizer é o que vem no Sé-
culo e no Diário de Notícias. Além dis-
so, há jornais de organizações revoluci-
onárias que neste momento conduzem gran-
des lutas em Portugal que estão à ven-
da em livrarias em França, onde há vári-
as páginas a falar dessas lutas. Nós
pensamos que quem quer verdadeiramente
informar o povo português, encontra sem-
pre meios de ter as informações de que
necessita.

O.A.- Bom, esta questão está compreendi-
da. Mas foi só por isso que não
participaram nos jogos florais? Seja co-
mo fôr havia oportunidade de contactar
com muitos portugueses...

II JOGOS DA FRUTA



...OS SEGUNDOS DARÃO AINDA MUITO MAIS!

T.O.- A nossa recusa foi também devido
às ideias que eles defendem per-
ante a guerra colonial assassina. E com
as quais não estamos de acordo. Como vo-
cês sabem, nós defendemos na nossa peça
"O Soldado" a deserção com armas! "O Sal-
to" e tudo o que anda à sua volta afir-
ma que isso é oportunista e contrário
aos interesses do povo, etc. Ora o que
se vê, é que esta nossa posição triunfa
cada vez mais. E até "O Alarme" trazia
no seu número de Abril, uma entrevista
com Saisy Mingas, representante do MPLA
para os países Nórdicos, onde ele defen-
dia a deserção com armas! No que fica-
mos? Desertar com armas é trair o povo,
ser oportunista, etc. ou afinal de con-
tas uma posição justa? Esperamos ansio-
samente um esclarecimento de "O Salto"
sobre essa questão. No essencial, se
nós não quisemos participar foi sobretu-
do porque estávamos convencidos que os
jogos florais, não são mais do que uma
manobra de auto-propaganda de um deter-
minado grupo político. Ainda por cima,
estes senhores são de tal modo oportu-
nistas que pretendiam pôr ao seu servi-
ço cantores, grupos de teatro e de fol-
clore que tinham sido feitos com o es-
forço de outra gente e que não tinham
nada a ver com aquilo.

O.A.- Mas houve alguns problemas relaci-
onados com os jogos florais?

T.O.- Problemas? Parece que não houve
outra coisa! E isso relacionado
com cantores, grupos de teatro e de fol-
clore que de "coração aberto" tinham i-
do para a grande manifestação cultural.
Mas nós não temos nada a ver com isso.
Quem se sentir mal que o diga. Nós já
lemos algumas coisas sobre isso que apa-
receram aí em livrarias, mas é evidente
que não somos uma agência de publicida-
de de uns contra outros. Até porque, pe-
los vistos a nossa posição de não parti-
cipação era mesmo a única posição jus-
ta.

O.A.- Mudemos de assunto. Foram convida-
dos este ano? Se fossem, qual se-
ria a vossa posição?

T.O.- Este ano não fomos convidados. Se
fôssemos começaríamos por pôr du-
as condições. A primeira era a de não
haver prémios, para evitar os favores
de capelinhas e falsificações dos con-
cursos, como se passou nos primeiros "Jo-
gos Florais". A segunda era a de haver
uma tesouraria colectiva, isto é consti-
tuída por representantes dos vários gru-
pos que participassem nos jogos florais,
e não só por representantes do jornal "O
Salto". Esta proposta tinha por justifi-
cação o que se passou o ano passado, em
que o povo português foi escandalosamen-
te roubado.

O.A.- Pode ser que esse dinheiro sirva
para apoiar a luta em Portugal?

T.O.- Pode ser, sim senhor. O que nós
sabemos é o que vemos. "O Salto" ou o
Movimento dos Trabalhadores Portugueses
Emigrados, que é a mesma banda, faz cam-
panhas de fundos para o seu jornal, para
os seus jogos florais. Nunca se viu es-
se jornal fazer uma campanha para aju-
dar trabalhadores em luta, como fez "O
Alarme" com os pescadores de Matosinhos,
nunca se viu que eles tomassem a inicia-
tiva de criar caixas de apoio permanen-
te para auxiliar os trabalhadores que
travam uma batalha diária contra a bur-
guesia. O que se vê é pedir e arranjar
dinheiro para o seu grupelho.

O.A.- Mas os jogos florais podem ser u-
ma realização com interesse ou
não?

T.O.- Os jogos florais, ou qualquer ou-
tra realização cultural com outro
nome que junte e faça a apreciação de
várias experiências culturais, tem de
certeza grande interesse, e realizar-se-
à um dia como deve ser. Essa realiza-
ção estará integrada na luta geral do
povo português, corresponderá à mobili-
zação progressiva de várias camadas
do povo português e ao seu trabalho re-
organizativo político e cultural. As
coisas estão todas ligadas. Achamos que
os organizadores dos "Jogos Florais", se
têm tanta capacidade artística, o que
deviam fazer era organizar dezenas ou
centenas de pequenos grupos e sectores
em actividades artísticas e culturais, e
não fazer um trabalho de cúpula que pre-
tende dirigir e açambarcar tudo, mesmo
aquilo em que eles não são vistos nem a-
chados. A nossa posição assenta na liga-
ção estreita com o povo na discussão a-
berta e franca dos vários problemas que
existem no seio do povo, no ataque às
posições dos nossos inimigos e falsos a-
migos, no apoio total aos camaradas que
lutam em Portugal por um país novo, po-
pular e democrático para todos os traba-
lhadores. Por isso, nunca colaboramos
com qualquer acção, por mais bem pinta-
da, disfarçada ou ardilosa que venha a-
firmar-se defensora dos trabalhadores,
e revelando-se na prática oportunista e
sabotadora dos verdadeiros interesses
das classes trabalhadoras.

*Camaradas, como estamos a ver, à me-
dida que a luta avança, temos de fazer
cada vez mais atenção para distinguir
quem são os nossos verdadeiros amigos e
aqueles que se querem fazer passar por
tais, a fim de continuar a explorar-nos.
Mas não está longe o dia em que serão
completamente desmascarados e uns e ou-
tros terão o fim que merecem.*

COMUNICADO

Nós somos um grupo de Portugueses de
Grenoble que durante um certo tempo nos
ocupámos da Associação Portuguesa de
Grenoble.

Esta associação FECHOU há 6 meses.
Pois ainda o último número desse jornal
"O Salto" tem o descaramento de trazer
a Associação de Grenoble ao lado das As-
sociações deles. Ora a Associação Por-
tuguesa de Grenoble nunca teve nada a
ver com esta cambada de vigaristas. Da
Associação resta ainda a casa, que ago-
ra é utilizada pelos camaradas turcos,
e alguns aparelhos que são utilizados
pelos portugueses da região. São uns
trafulhas!

CATARINA EUFÉMIA

Esta ceifeira alentejana foi morta, pela G.N.R. quando lutava à frente de outros trabalhadores por um aumento de salários. Quando um operário morre no campo da luta há milhares d'outros que se fortalecem, assim o sangue de Catarina não foi derramado em vão, o seu exemplo foi dado por todo o país, a sua morte há-de ser vingada um dia por toda a classe operária.



Camaradas do Alarme, lí no nosso jornal nº 16 um artigo sobre as nossas camponesas do norte de Portugal, e a propósito disto pensei em vos escrever para relatar um caso que eu mesmo presenciarei há já 20 anos e cujo caso não esquecerei enquanto eu for vivo!

Foi no 19/5/1954 quando a aldeia de Baleizão se encontrava toda em greve, que eu e todo o povo de Baleizão vimos o tenente Delgado, da Guarda Republicana assassinar com dois tiros de pistola metralhadora a jovem Catarina Eufémia!

A greve começou da seguinte maneira: o povo que vivia metade do ano sem trabalho, com fome e na maior miséria, aproveitava o verão para ganhar alguns tostões, pois nesse tempo ainda as ceifeiras a matar eram poucas e os grandes lavradores do Alentejo eram obrigados a seguir dois caminhos: dar o salário que o povo exigia, ou ir a outras províncias de Portugal buscar pessoal contratado para trabalharem como escravos e ceifarem as searas aos "senhores" do Alentejo.

Foi então nesta data que o povo de Baleizão se decidiu a não ceifar um pé de trigo se os patrões não dessem um salário diário do nascer ao pôr do sol de 30#00 às mulheres e 40#00 aos homens, e isto enquanto durasse a época das ceifas, que era mais ou menos um mês e meio; houve então um "senhor" lavrador, (como eles se chamam) que foi ao Algarve contratar cerca de 200 homens para ceifarem a sua seara. O povo de Baleizão não quis ficar em silêncio como o faziam outras aldeias vizinhas, e então, foi tudo em massa falar com esses 200 homens que começavam a ceifar.

E falou-se, e discutiu-se amavelmente entre todos, dizia o povo de Baleizão aos camponeses do Algarve: "nós não vimos aqui para vos fazer mal, mas sim para vos dizer que metade do ano estamos sem trabalho, e agora que podíamos obrigar os patrões a darem-nos o que exigimos, vêm vocês estragar tudo. Nós temos a certeza que vocês não sabiam o

que se passava, pois se o soubessem não vinham, mas já que cá estão podem ficar; mas é na condição de fazerem a greve em conjunto com a gente, pois arranharemos comida e dormida para todos apesar de tudo."

Ouvindo isto, os 200 camponeses do Algarve disseram duma só voz: "Estamos de acordo com o povo e vamos já todos embora para a nossa terra" e partiram!

Mas o bandido do patrão que mora na cidade de Beja foi falar com o governador civil desta cidade. Os 200 camponeses foram obrigados a tornar novamente para este patrão.

Foi mais uma vez em massa que o povo de Baleizão protestou, mas desta vez contra a maneira como estes homens eram obrigados a trabalhar, cercados de Guarda Republicana por todos os lados com espingardas e metralhadoras empunhadas, e comandados pelo tenente Delgado do comando de Beja; o povo gritava e cada um dizia o que lhe vinha à ideia, e o guarda só dizia: "Não avancem, temos ordens do nosso tenente de matar qualquer que queira ou tente avançar".

Foi então que apareceu à frente do povo que era mantido à distância pela guarda armada até aos dentes a jovem camponesa Catarina Eufémia, de 30 anos de idade, mãe de 4 filhos e natural desta aldeia. Ela trazia nos seus braços o filhinho mais novo que tinha há 2 anos e trazia no seu ventre outro, que dizia o povo ter seis meses de gravidez. Catarina era corajosa! Talvez por se encontrar com uma criança nos braços e outra no ventre que ela tivesse ainda mais coragem, e por isso o povo insistia com a guarda para a deixar passar, e ir falar com os responsáveis de tudo o que estava a passar. Ela era a porta-voz do povo. Tanto se insistiu, até que a guarda virou as costas e deixou-a passar; vendo isto, o bandido do tenente Delgado vai a correr como uma fera e disse para Catarina: "Porca, não avançarás mais um passo". Mas Catarina continuava a avançar com o seu filhinho nos braços e outro no ventre. ao mesmo tempo que dizia ao tenente: "Nao me diga Sr. Guarda que tem medo duma mulher neste estado". Mas o bandido não disse mais nada; barrou o caminho a Catarina e com o cano da sua pistola-metralhadora desviou os pés do filhinho que Catarina trazia ao colo e disparou em seguida dois tiros, abatendo-a como quem abate um animal qualquer.

Vendo isto o povo tremeu e chorou a altos gritos. Houve muitos homens que tiveram de ser amarrados de pés e mãos pelos homens mais calmos para evitar o extermínio desta aldeia nesse momento, pois o povo não tinha armas, e a guarda era como que um regimento armado até com metralhadoras fixas contra o povo. Foi um momento terrível que nunca esquecerei, e a partir de aí fiquei com um ódio tão grande a esses bandidos que só queria ter o gosto de ver o povo de Baleizão e todo o povo de Portugal vingarem-se da mesma maneira que se vingamos os camponeses na China Popular.

Como podem ver todas as camponesas são corajosas, quer sejam do Norte ou do Sul de Portugal, ou da China ou qualquer parte do mundo, sobretudo se sofrem como sofrem as nossas camponesas.

O SILVA, ZÉ. A SRA. ALBERTINA

CONTINUAÇÃO

Sr^a. Albertina: Pois se em casa não ajudas a tua mulher, também a estás a explorar.

Silva: Cá por mim, eu penso que há uma política dos trabalhadores, em que somos todos iguais e que defende os nossos interesses e há outra que é a daqueles que nos exploram e só pensam em explorar ainda mais. A política da classe operária é completamente diferente da política dos patrões.

Zé: Ó Silva, ainda não estou a entender porque é que é diferente?

Silva: Porque, o que a gente quer é uma sociedade igual para todos, onde não haja exploração do homem pelo homem, enquanto os burgueses, o que querem é explorar o povo trabalhador para enriquecer ainda mais. Eles nem se dão uns com os outros, tanto que cá a nossa classe entende-se bem uns com os outros.

Zé: Ah! Pois, agora já estou a perceber.

Quer dizer que em tudo o que a gente faz ou a gente está dum lado ou a gente está do outro. E não há meio termo.

Sr^a. Albertina: Pois, pois e agora também eu já estou a ver porque é que todos os burgueses dizem para a gente não se meter em política. É porque eles sabem que a nossa política é inimiga da política deles.

Silva: É isso mesmo. E agora, ó Zé, espero que já compreendas porque é que a tua mulher também havia de vir

discutir os nossos problemas na reunião.

Zé: Para a próxima vez, vou-lhe dizer para vir comigo. As crianças grandes ficam em casa a guardar os mais pequenos.

Silva: A gente para poder fazer a política dos trabalhadores não podemos pôr as nossas mulheres de parte, porque elas trabalham como nós. E mesmo se não trabalham, têm os mesmos problemas que nós porque também são exploradas.

Sr^a. Albertina: É isso, e que os patrões querem. Que a gente se ponha uns contra os outros, mas a gente o que deve fazer, é unir-se cada vez mais, homens e mulheres, para acabar de vez com a política exploradora dos burgueses e construir uma sociedade onde haja igualdade para todos.

SETENAVE: continuação da última página

Aumentaram só o ordenado a um pequeno número de trabalhadores cabo-verdianos para 20#00 à hora e deixaram os restantes a ganhar só 17#50.

Quando souberam, a grande maioria concentrou-se em frente dos escritórios e exigiram 20#00 para todos. E só pegaram ao trabalho quanto isto foi concedido. Este é um bom exemplo que temos dos camaradas cabo-verdianos.

Mas afinal porque é que há tantos trabalhadores cabo-verdianos em Portugal? Porque nós, trabalhadores portugueses tivemos de emigrar para não morrermos à fome; e como somos nós que tudo produzimos, os patrões tiveram de chamar para o nosso lugar os trabalhadores cabo-verdianos. E assim somos todos emigrantes na terra dos outros. Isto é o que os patrões querem para melhor nos explorarem. Mas a mama há-de acabar um dia. Se nós queremos viver bem nas nossas terras sem termos de emigrar, temos de lutar por isso até a vitória final.

LUXEMBURGO

Camaradas,

...Faço votos para que "O Alarme" se ja efectivamente o jornal popular português.

Para isso é necessário que todos nós colaboremos, transmitindo as nossas experiências e as nossas lutas. As nossas derrotas e as nossas vitórias. Só assim "O Alarme" poderá ser o nosso jornal e só assim ele poderá representar os desejos e os interesses de todos os trabalhadores.

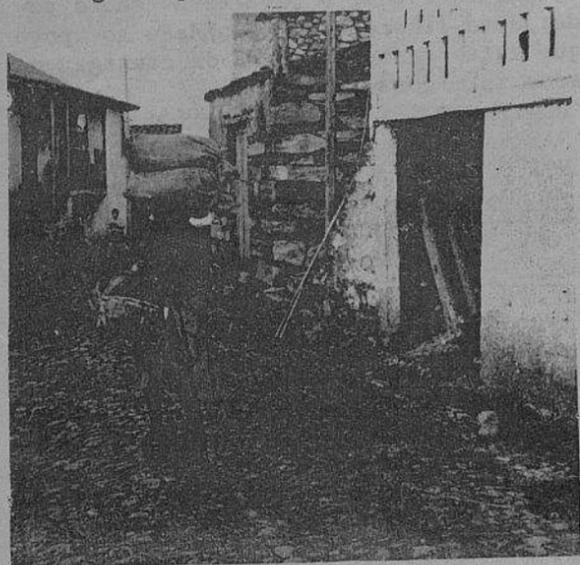
SOMOS 2.º 000 PORTUGUESES NO LUXEMBURGO

O Luxemburgo é um pequeno país, 80 km. por 50 km. aproximadamente. 45% da mão-de-obra é estrangeira. Além da siderurgia que reagrupa 22.000 operários, existem outras empresas, das quais uma boa parte são americanas. Nós os portugueses trabalhamos quase todos no "batiment", onde os patrões tentam levar-nos o couro e o cabelo. Por todo o lado somos os mais explorados...

...Os capitalistas portugueses além de nos obrigarem a vir para aqui não nos abandonaram. Eles têm aqui os seus agentes, os consulados, os bancos e os clubes que só servem para nos controlar, para nos entregar às mãos dos Pides, mas talvez um dia lhes saia a porca malçada.

OS TRABALHADORES COMEÇAM A LUTAR!

Os capitalistas luxemburgueses julgavam que éramos todos um bando de carneirada, a quem podiam fazer tudo o que quisessem, mas enganaram-se. Eles até dizem que as greves aqui são ilegais, mas nós não queremos saber da legalidade da burguesia para nada.



Sobretudo nas fábricas e no "batiment", cada vez é maior o descontentamento dos trabalhadores. Em muitas fábricas e "chantiers" se tem verificado o aparecimento de pequenas lutas, mais ou menos vitoriosas, mas que começam a despertar em nós a vontade firme de lutar pela defesa dos nossos direitos.

No fim do ano passado algumas dezenas de trabalhadores da C.E.C.O. que é uma grande empresa da Construção Civil e trabalhos públicos, onde a maioria são trabalhadores imigrantes, viram-se obrigados a unir-se para protestar contra as más condições de trabalho e alojamento.

A maioria deles tinha vindo com contratos de trabalho de Portugal, onde lhes prometiam mundos e fundos, alojamentos decentes, cantina, etc. Mas ao chegar a Luxemburgo esperam-nos umas

barraquitas onde os meteram quatro em cada uma com dois fogões, aquecimento e instalações sanitárias, sem condições de higiene suficiente e se queriam fazer compras tinham de fazer alguns quilómetros a pé.

Assim estes trabalhadores, vendo que tinham sido enganados, resolveram protestar junto do patrão. Este perante o descontentamento geral, tentou desculpar-se dizendo que brevemente teriam melhores alojamentos à sua disposição. Mas ainda nada se viu. Alguns têm sido metidos noutras casas, onde a situação é quase a mesma.

Como em todo o lado, o problema da habitação no Luxemburgo é cada vez mais grave. Vivemos em barracas velhas pagando rendas caríssimas, chegando a viver a 20 e a 30 e pagando por mês 1000 fr.B e 1200 fr.B. por uma cama! Alguns foyers para imigrantes foram construídos, mas não representam nada, para as nossas necessidades.

O caso das mulheres é ainda pior. Trabalham nas limpezas, nos cafés, nas clínicas, nos hospitais, etc. e nem sequer estão abrangidas pelas leis mínimas que os capitalistas fazem para nos poderem explorar melhor e legalmente. Trabalham 10 e 12 horas por dia ganhando apenas para ir tapando os buracos, onde o salário do marido não chega. Mandam-nas vir de Portugal às centenas para os hotéis de turismo com contratos de trabalho por seis meses e se não os cumprirmos ameaçam enviá-las pelo mesmo caminho. O ano passado vieram muitas para trabalharem aqui durante a estação do verão. Prometeram-lhes grandes salários e 8 horas de trabalho por dia, mas chegaram cá e obrigaram-nas a trabalhar 10, 12 e 14 horas por dia, sem lhes darem comida suficiente, nem tempo para comerem. Muitas desiludidas, voltaram por Portugal, outras queriam sair dos hotéis mas ameaçavam-nas que se saíssem não lhes dariam autorização para trabalhar noutros patrões. Quando reclamaram dizendo que os contratos não eram repetidos, os patrões respondiam-lhes que "podiam limpar o cu a eles", os bandidos!

É assim que os capitalistas nos tratam. Ontem em Portugal, hoje espalhados pela Europa a exploração é a mesma e os inimigos são os mesmos. Emigramos à procura de uma vida melhor para nós e para os nossos filhos mas afinal as ilusões e as promessas depressa se acabaram.

E mais tarde que será feito de nós? Regressaremos a Portugal, velhos e sem saúde quando aqui já não nos quiserem, porque já não poderemos trabalhar e dar rendimento aos patrões!

Camaradas, só quando conseguirmos organizar-nos para lutarmos contra toda esta corja de exploradores e de bandidos, poderemos conquistar aquilo a que temos direito. Só assim estaremos a caminhar para conquistar aquilo a que temos direito. Só assim estaremos a caminhar para conquistar a pátria dos trabalhadores, onde haja PÃO, TERRA, PAZ E LIBERDADE.

EM FRENTE CAMARADAS PELA REVOLUÇÃO POPULAR! É O ÚNICO CAMINHO QUE VALE A PENHA SEGUIR.

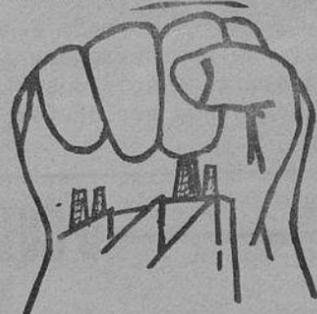


Camaradas do Alarme,

Venho acompanhando o nosso jornal, com bastante pena de minha parte de não ter possibilidades de o ter caçado há mais tempo porque no Luxemburgo como de vem calcular também temos vários jornais escritos em português. Mas daqueles que não acordam as ideias dos bons camaradas que só pensam é no senhor padre, no senhor cônsul e nos calendários que dão para aí os senhores fascistas dos bancos, ou esse bando de burgueses que apesar de nós sermos obrigados a sair do país para governar a vida, esses filhos da puta, mesmo assim não nos largam. Por isso, mesmo o pequeno mas grande Alarme veio mesmo a calhar em cheio no meio das massas exploradas que somos nós trabalhadores. Por isso, todos unidos há que mandar com a verdade para a rua. Aqui no Luxemburgo todo o mundo é explorado também e nós portugueses temos que lutar todos unidos para poder-mos mandar em Portugal. Já seria muito bom para todos nós camaradas.

Camaradas, também vi e com bons olhos no nosso Alarme que vamos criar uma caixa de apoio ou Caixa Permanente de Apoio às Lutas em Portugal. Esse problema é neste momento o mais importante ou o mais valioso não só para aqueles que precisam, mas também para aqueles que não acreditam na união, verem a pura verdade, a pura força de todos os camaradas que um dia que estejamos todos unidos seremos invencíveis na vitória que será nossa.

VIVA A LIBERDADE!



POEMA DA VIDA NO MEIO DA ESCRAVIDÃO

Tu não vês o peso,
Que tenho em cima de mim.
O que é que tu dirias
Se te carregasse assim?

Ah, eu bem sei, sim!
Sou um escravo,
Mas um dia virá,
Em que não mais rirás de mim.

Agora tu podes rir
Porque és tu o patrão
Mas quando o vento mudar
Ai de ti espantalhão.

Verás como a tempestade
Traz água à ribeira
E os figos hão de secar
Naquela tua figueira.

Ladrão das minhas forças
Porque tu vieste roubar
Tu matas tanta criança
Sem elas poderem gritar.

E ainda há quem diga
Que és um homem de bem
Mas só mereces uma coisa:
O meu despreso. Também.

UM GRUPO DE TRABALHADORAS ESCREVE-NOS

FUI OBRIGADA A EMIGRAR, "MAS EMIGRAR NÃO É SOLUÇÃO.

Desde a idade de 14 anos estive a trabalhar numa fábrica de meias. Éramos quatro mulheres nas formas; nessa secção o trabalho ainda é pior do que nas outras, durante o dia inteiro o vapor para modelar as meias, aquece duma maneira insuportável. Da nossa chegada à fábrica até à nossa saída não paramos de transpirar.

Um dia o patrão viu-se obrigado a dar aumentos para todos. Ao receber o salário vimos que nós as quatro que estávamos a trabalhar em piores condições é que não tínhamos sido aumentadas! Éramos só quatro, mas estávamos unidas e fortes. Pouco tempo depois o chefe veio chamar-nos para irmos falar com o patrão. Nós não tínhamos medo e fomos ao escritório. Mas o patrão sabe que todás unidas somos uma grande força, e em vez de nos ouvir todas juntas, chamou uma de cada vez: - Duas foram trabalhar, a terceira diz que só voltaria para as formas quando a aumentassem. Essa foi despedida. Quando chegou a minha vez, o ladrão do patrão já tinha ganho e aos altos berros disse-me: "Se tu queres trabalhar é já, senão vai-te embora." Com vergonha tive que aceitar. A camarada que foi despedida foi ter com os sindicatos.

OS SINDICATOS ESTÃO DO LADO DOS PATRÕES

Eles então foram todos mansinhos pedir ao patrão para a deixar ir outra vez para o seu lugar. O patrão aceitou. Claro, ele precisava dela! .. Mas o que é certo é que nós voltamos ao trabalho sem ser aumentadas, o sindicato esteve-se nas tintas para a nossa reivindicação e a nossa luta, "esses tipos estão com o patrão e não conosco".

Camaradas, não nos deixemos levar pelo jogo hipócrita e sujo dos sindicatos. Unidos somos uma grande força contra o patrão.

Toda a minha vida foi explorada e se fosse a contar tudo, esse jornal era muito pequeno!

Isto passou-se comigo há 10 anos, mas hoje as coisas estão diferentes em Portugal. Do Norte ao Sul do país há greves cada vez mais numerosas e mais duras. Hoje há organização sindical clandestina que defende verdadeiramente os interesses dos trabalhadores que organizados têm conseguido grandes vitórias. Em Portugal os operários organizam-se em comités operários como por exemplo: na SEPSA em Leça do Báilio, na Eduardo Ferreirinha no Porto, na fábrica dos Correias em Pevidém, etc... Os comités operários são a base duma organização sindical que defende verdadeiramente os interesses dos trabalhadores. Esta organização sindical não tem nada a ver com os sindicatos fascistas fundados pelo governo de Salazar para defender os interesses dos patrões e melhor enganar aqueles que trabalham.

A UNIÃO DE TODOS OS TRABALHADORES SERÁ UMA GRANDE E ÚNICA FORÇA QUE DESTRUIRÁ TODOS OS INIMIGOS DO POVO.

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DE COMITÉS OPERÁRIOS

EM FRENTE PELA CAIXA DE APOIO ÀS LUTAS EM PORTUGAL!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

Nota:

Esta organização sindical clandestina luta com todas as armas ao seu alcance - greves, ocupação das fabricas, caixas de apoio etc. pela defesa dos interesses dos trabalhadores e pela união e organização dos operários nos locais de trabalho contra a exploração capitalista. Ela luta ainda contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo e defende que só a revolução popular traz a única solução justa para os nossos problemas.

O QUE É PRECISO SABER

CONGÉ PAYÉ

Como se aproximam as férias vamos falar dum dos poucos direitos que temos enquanto que trabalhadores - "o congé payé".

Têm direito ao "congé payé" todos os trabalhadores - quer trabalhem nas fábricas ou na agricultura, quer façam ménage - desde que tenham trabalhado pelo menos 17 dias durante um mês no mesmo patrão. Por cada mês temos direito a dois dias de congé, quer dizer 24 dias de férias pagas por ano.

No caso de termos trabalhado em vários patrões devemos exigir a cada um deles os dias de congé a que temos direito.

Claro que o patrão não nos dá este congé de boa vontade mas devemos obrigá-lo nem que tenhamos de recorrer às leis burguesas.

CONGÉ PAYÉ DO BATIMENT:

Para os operários do "batiment" há uma caixa especial do "congé payé" em cada departamento. É esta caixa que paga as férias a cada trabalhador. Devemos pedir ao patrão a folha azul do "congé payé" onde estão marcadas as horas que trabalhamos, preenchê-la e

enviá-la com o nosso nome e morada para a Caixa do Congé Payé da região.

No caso de termos trabalhado em vários patrões devemos pedir a cada um deles a folha azul do "Congé Payé" enviá-las para a Caixa e guardar o duplicado. Se trabalhámos em vários departamentos enviam-se todas as folhas azuis para a Caixa do último departamento em que se trabalhou.

No caso de termos estado alguns dias ou meses sem trabalhar por termos ido a Portugal, por termos andado à procura de trabalho, por termos estado doentes etc, devemos escrever a razão e enviar juntamente com os papéis. O acidente de trabalho, as doenças profissionais e a "maladie" contam igualmente para o "Congé Payé".

Se não nos enviarem o dinheiro durante o mês seguinte ao que se mandou os papéis, devemos reclamar o dinheiro para a Caixa do Congé Payé.

Não é pensando no nosso descanso que os patrões nos pagam as férias. É porque sabem que, se descansarmos um mês vamos dar-lhes mais rendimento nos outros meses e se não as dessem lutaríamos através de greves ou outros meios, para as conseguirmos.

ULTIMA DA HORA (cont.)

lhes sejam entregues, sim porque estes "abutres", estes bandidos não-de pagam com a morte os crimes que fizeram.

Tudo isto parece porreiro mas vamos a ver como é que o Spínola vai descalçar a bota nos problemas que dizem respeito ao povo português:

- Quanto à guerra colonial, será que ele vai defender os interesses do povo, acabando com a guerra? Será que ele vai por outras maneiras defender os interesses do imperialismo mundial, quer dizer da burguesia americana, alemã, francesa e outras que têm o seu capital nas colónias e em Portugal?

E quanto ao aumento do custo de vida que há tantos anos aflige o povo e fá-lo viver na miséria?

Será que ele vai estar ao lado do povo melhorando o seu nível de vida? Ou não será ele obrigado a estar do lado dos ricos que têm ainda a força do dinheiro?

O Spínola aparece agora como um salvador dos interesses da burguesia (lembramo-nos que o livro dele foi feito por uma casa que pertence à CUF). Para poder continuar a explorar as classes trabalhadoras, a burguesia teve que mudar de tática, mas eles cada vez se enterram mais. Primeiro foi o Salazar que com o seu paleio escravizou o povo durante mais de 40 anos. Depois veio o Caetano que com promessas e conversas em família se afundou até ao pescoço. Agora vem o Spínola dizendo-se o Salvador mas ele há-de afundar-se até à cabeça. Sim, porque o povo já não vai em história de "políticos de carreira" que ontem matavam os nossos camaradas das colónias e hoje dizem que eles têm razão. Ao povo o que lhe interessa é o verdadeiro socialismo, porque só o verdadeiro socialismo dará PÃO, TERRA, PAZ e DEMOCRACIA POPULAR. Só o verdadeiro socialismo, onde o povo terá todo o poder, dará liberdade e igualdade ao povo que então se encarregará de castigar os seus inimigos.

CONTINUEMOS A ORGANIZAR-NOS E A LUTAR NAS FÁBRICAS, NOS CAMPOS, NOS BARCOS, NOS QUARTÉIS E NA RUA!

TUDO O PODER AO POVO!

VIVA O 1º DE MAIO (cont.)

Muitos se recordam ainda, entre outros do 1º de Maio de 1962 em Lisboa e mais tarde do 1º de Maio de 1972 e 1973 no Porto, em que as manifestações tomaram mesmo aspectos de luta aberta contra a repressão e a exploração capitalistas.

Camaradas:

Nós trabalhadores, temos à nossa frente um futuro grandioso - é nosso dever abater o capitalismo e o imperialismo internacional e construir um Portugal novo. De certeza alcançaremos esse objectivo. Mas daqui até lá, temos um caminho difícil a percorrer. O 1º de Maio é o dia de solidariedade e luta dos trabalhadores e povos oprimidos do mundo inteiro; mas é também um dia de festa, um dia de confiança e certeza na vitória final.

É por isso que nós queremos gritar bem alto a nossa solidariedade com o povo revolucionário em Portugal, com os nossos irmãos africanos de Guiné-Cabo Verde, Angola e Moçambique, com os povos oprimidos do mundo inteiro em luta contra a exploração capitalista, contra o imperialismo internacional e contra o colonialismo.

O MUNDO SERÁ NOSSO TRABALHADORES QUE TUDO PRODUZIMOS!

O Alarme pag. 8

MARINHA GRANDE

GREVE GERAL DOS VIDREIROS

São os operários da Marinha Grande que nos ensinam como é que é!

No dia 8 de Fevereiro já algumas fábricas tinham começado a greve. Mas no dia 11, todos os vidreiros da região entraram em greve geral por aumentos de salários. Por outro lado, os camaradas trabalhadores que tinham sido presos por algumas "eleições" ainda não foram esquecidos. E por isso nesta greve pedia-se também a sua libertação.

Os patrões como sempre, com medo que a greve se espalhasse ainda mais, cinco dias depois deram logo satisfação a tudo o que se exigia.

Pois com certeza! Cá com o povo ninguém brinca, e muito menos os canalhas dos patrões! E quem se quiser atrever, bem se há-de amolar. E é isto o que vai acontecer em breve a todos os patrões, aos xicos fascistas e às chamadas "autoridades" burguesas. Nestes assuntos os trabalhadores da Marinha Grande já em tempos nos mostraram como é que isso se faz. Basta a gente lembrar-se do 18 de Janeiro de 1934. É assim, com a aprendizagem destas lutas, hoje pequenas e amanhã maiores, que o povo todo unido seguindo a sua vanguarda organizada formada pelos operários mais conscientes e combativos, derrubará por toda a parte os burgueses e os cães de fila e tomará o poder.

Camaradas, lá nos encontraremos!



VIEIRA de LEIRIA

EMPRESA DE LIMAS DE TOMÉ FETEIRA

"O tralfulha do Tomé Feteira quis gozar com os operários, mas saiu-lhe o tiro pela culatra".

Assim o mostra bem o que se passou nas fábricas deste bandido fascista Albano Tomé Feteira em Vieira de Leiria.

A 5 de fevereiro os operários entraram em greve por um aumento geral de salários. Ora, entretanto, andava em negociações o contrato colectivo de trabalho dos metalúrgicos, a que estes operários pertencem. Enquanto os metalúrgicos discutiam a revisão dos salários, o patrão Tomé Feteira tentou forçar os operários a aceitar para já um aumento de salário de 25%, com a condição que os operários assinassem um documento em que se comprometiam a não receber aumento maior das negociações do C.C.T. que se estava a fazer. Ora os trabalhadores pretendiam que a empresa desse o seu aumento de 25%, sem prejuízo dos aumentos que depois viessem do novo C.C.T.

A atitude dos trabalhadores, a direcção da empresa respondeu com o lock-out, quer dizer, fechou a fábrica, atirando para o desemprego 600 operários.

Mas os trabalhadores mantiveram - se junto dos portões da fábrica, cumprindo os horários normais de trabalho.

Para além de toda esta sujice, o patrão ainda pretendeu obrigar os trabalhadores a assinar uma declaração, em que cada um pedia de novo a sua admisão na fábrica.

Imaginem que o tralfulha queria obrigar os operários a concordar com o despedimento e a pedir de novo a sua entrada ao serviço com as seguintes condições:

- "Perda de antiguidade em relação ao trabalho na empresa;"

- "cumprir integralmente os deveres que me são impostos por lei, comprometendo-me à prestação do trabalho com zelo, lealdade, assiduidade e respeito para com os superiores hierárquicos..."

- "Não voltar a tomar parte activa ou passiva em quaisquer actos ilícitos atentatórios aos interesses da empresa e da economia nacional..."

Mas com quem é que este tralfulha julga que está a brincar? Até parece mentira, mas é verdade.

Camaradas! Esta declaração diz bem quem era o fascista do patrão. Mas ele enganou-se! Pois os operários exigiram e obtiveram a reabertura da fábrica, a continuação de todos nos lugares que tinham dantes, sem perda de direitos e ainda o pagamento dos dias em que a empresa estivesse fechada.

QUE GRANDE VITÓRIA!

VILA NOVA de FAMALICÃO

Em Aninhos, freguesia se Esmoriz, no princípio de Abril o Avelino Moreira de Almeida de 63 anos matou um dos seus 6 filhos, o Manuel Fernando Sampaio de 15 anos. Este rapaz que trabalhava como trolha, demorou-se mais um pouco na vida do trabalho por ter ido fazer um favor a uma pessoa amiga. O pai foi ao seu encontro quis castigá-lo, repreendeu-o, deu-lhe duas bofetadas e bateu-lhe com o guarda-chuva na cabeça. O rapaz caiu no chão quase morto, foi levado para o hospital mas já não foi possível salvá-lo.

Este caso deve servir de oportunidade para todos nós pensarmos na forma como castigamos os nossos filhos. Quantas vezes chegamos cansados de trabalhar todo o dia, chatiados com o patrão e os chefes e é sobre a mulher e os filhos que descarregamos a nossa fúria?!

Ora os filhos e a mulher às vezes também trabalham, também têm uma vida dura, também são explorados. É contra o patrão, os chefes e a polícia que devemos nos revoltar e não contra aqueles que são explorados como nós. Para com os nossos filhos e camaradas devemos ter uma atitude de compreensão e explicarmos com bons modos aquilo que queremos. É verdade que o trabalho duro e a vida difícil nos tiram a paciência mas, isto não justifica que andemos à porca com os amigos, com os filhos ou com a mulher.

Devemos educar os nossos filhos, explicando-lhes o que custa o trabalho, que devemos ser unidos entre todos nós que trabalhamos para um dia podermos acabar com os capitalistas e construir uma sociedade socialista onde todos os homens são iguais.

caixa de apoio permanente às lutas em Portugal

É para nós motivo de grande alegria saber que a luta em Portugal está a aumentar cada vez mais e só terminará quando o povo conseguir a vitória total sobre aquela corja de vampiros. Mas parece que ainda há quem não queira acreditar nisto, talvez por falta de informação. E quando falamos do desejo cada vez maior que o povo trabalhador sente pela Revolução Popular, nós não estamos a ser idealistas, mas estamos só a basear-nos nas lutas cada vez maiores e cada vez melhor organizadas que vemos por todo o país das quais temos notícia e que, por isso, levamos ao conhecimento dos leitores.

Mas a gente vê pelas cartas que nos chegam que não é só em Portugal mas também aqui na imigração, por toda a parte a situação já não é como dantes e os Trabalhadores começam a organizar-se e a lutar. Ora o que é preciso é que nós informemos todas as pessoas disto que se está a passar em Portugal e encontremos as melhores maneiras de podermos dar a nossa quota parte e apoiar os camaradas trabalhadores que lá estão na luta, que a conduzem e dirigem para o bem de todos nós.

Assim, está claro, a Caixa de Apoio não é só para receber dinheiro. É uma porta aberta que todos nós temos para participar por todas as formas ao nosso alcance nesta gloriosa tarefa da nossa libertação.

Mandem-nos, pois, tudo o que julgarem que pode ser útil, que sabemos nós? material médico, material de escritório, etc. Em caso de dúvida, mandem sempre. A gente cá se encarrega de lhes dar o fim apropriado.

Bom para este mês, aqui vão as nossas contas:

Uma amiga francesa anti-colonialista e antifascista-100 fr
Um grupo de trabalhadoras:
PARA TRABALHO IGUAL SALÁRIO
IGUAL 80 fr
1 hora do mês de 6 camaradas de paris:
PELA DITADURA DO PROLETARIADO.. 85 fr
Do Luxemburgo:
PELA LIBERTAÇÃO DA CLASSE
TRABALHADORA 75 fr40
Uma equipa do Alarme:
VIVA A IMPRENSA REVOLUCIONÁRIA-100 fr
Fresnes:
EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DO
CLUBE702 fr

Tudo o que quiserem enviar, devem fazê-la para: Charles Payan (luta) 22 villa-ge du Rif, 38640 Claix, ou por cheque para o CCP n° 257 08B Grenoble.

**VIVA A REVOLUÇÃO
POPULAR**

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

VAMOS CONHECER AS NOSSAS TERRAS E AS NOSSAS GENTES para melhor nos unirmos



No último Alarme, começámos uma série de perguntas sobre a vida no campo em Portugal. Esta é uma maneira de ser útil à Revolução em Portugal. Porque assim podemos saber como são as condições de vida e as lutas dos nossos irmãos camponeses e ficaremos a saber também como é a melhor maneira dos ajudarmos a lutar contra os bandidos dos grandes senhores que os exploram.

Esta é uma maneira de denunciarmos todos os patrões da nossa terra, de dizermos tudo aquilo que eles nos fizeram e nos continuam a fazer. Nos jornais burgueses os patrões não nos deixam contar as nossas misérias e gritar as nossas aspirações, mas O Alarme é o jornal dos trabalhadores portugueses e esta é uma das formas dele servir os interesses dos trabalhadores, os interesses da revolução popular. Como é que podemos responder às perguntas que O Alarme já lançou e vai continuar a lançar no próximo número? Pois podemos fazê-lo juntando-nos em grupos de três ou quatro pessoas da mesma terra ou da mesma região e recordando como foi e como é a vida na nossa aldeia.

Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje, começa já a responder às nossas perguntas. Próximo número há mais!

VILA NOVA de FAMALICÃO

Como é da tradição, no dia de carnaval os jovens costumam esperar as raparigas à saída das fábricas para se divertir lançando pós, farinha, etc.

Deste modo à saída da fábrica de MIRAVE em Bairro concentraram-se várias dezenas de jovens. Aconteceu então que o gerente dessa fábrica com medinho que as filhinhas se "sujassem" arrancou de carro por entre a imensa multidão que estava ao portão. Pouco se importando em atropelar alguém ou não. Assim vai contra uma motorizada que estava parada levando-a diante do carro cerca de 50 metros perante a aflição do jovem dono e a ira do povo.

Logo o povo unido cercou o carro, saltando para cima dele esmurrando-o de todos os lados obrigando-o a parar.

Como o gerente estava com medo de levar porrada foi com a guarda (GNR) e o jovem da motorizada para dentro da fábrica. O bandido do gerente Queirós, quando viu que a GNR estava ao lado dele teve a lata de dizer que era capaz de levar a motorizada a rastos até a casa.

Claro que a guarda tentou defender o seu dono Queirós e que o jovem que se lixasse. Se tivessem ficado fora levariam um enche de porrada que nunca mais se esqueceriam.

AGRELA - ST. TIRSO

Também na fábrica de confecções Euro pa se juntaram cerca de 500 jovens. Tal como no ano passado, o patrão da fábrica mandou vir a guarda de St. Tirso para impedir esta manifestação da confraternização da classe operária mas desta vez saiu-se mal.

Postados diante dos portões, os 4 guardas impediram que o povo se aproximasse. No meio duma grande algazarra apareceu um mascarado (mulher) que trazia uma faca à cinta. Com violência um guarda da GNR veio, arrancou-lhe a faca e quebrou-a a meio. O povo quando viu aquilo, começou a insultar a guarda em altos gritos, "Urso", "Porco". Este facto aqueceu mais ainda o ambiente.

Prestes a saírem as raparigas e mulheres às 6h30, a GNR de cassetetes em punho começou a afastar as pessoas. Perante tal atitude os jovens puseram-se do outro lado da rua, num quintal, e começaram a lançar pedras. Face à união e pronta resposta do povo, a GNR fugiu, cheia de medo, para dentro da fábrica, só saindo de lá por volta das 7 horas quando o povo começou a regressar a casa.

Esta luta foi muito discutida entre a malta jovem. A gente sabe que quando o povo é unido não tem medo nem dos polícias nem dos patrões. E eles também sabem isso...

SETÚBAL

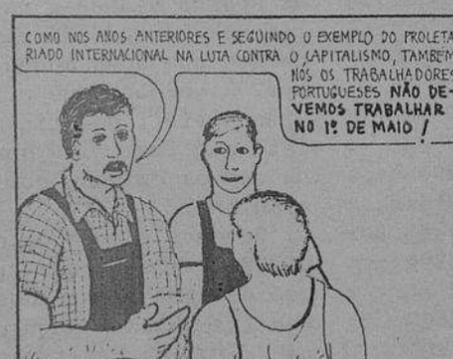
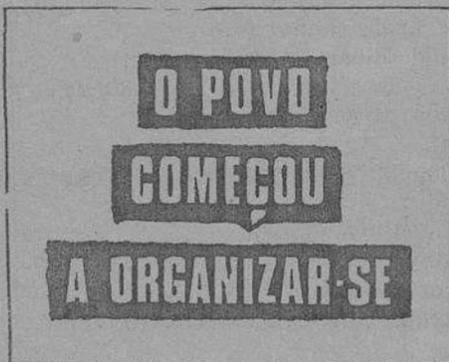
FÁBRICA SETENAVE:

Os Camaradas Cabo-verdianos dão-nos o exemplo!

A gente sabe que a corja dos patrões usa todas as tralfulhices para melhor nos roubar. Uma das mais usadas é dividir-nos, aumentar a uns e não aumentar a outros, e até conseguem às vezes que os trabalhadores escondam uns aos outros quanto é que ganham.

Ora foi isto que tentou fazer a direcção da Somague, empresa de construção nos estaleiros navais da Setenave.

continua página 6



nº d'insp.-com. paritaire:53381

Dir: J.P. Sartre - Imp. Sp. VRA